A agricultura ecológica na Alemanha*

Ecological agriculture in Germany

Götz SCHMIDT**

RESUMO

A crise ambiental da agricultura moderna, conseqüência do uso de insumos químicos, começa a dar origem a modelos alternativos de produção como a agricultura ecológica , que vem sendo estimulada e fomentada pela política do governo alemão. Este trabalho trata da agricultura ecológica dos pioneiros, sua evolução e fomento, o desenvolvimento na Alemanha em direção a um modelo de produção baseado em princípios ecológicos que se expande e já conquista parte significativa do mercado dos produtos alimentícios comercializados na sociedade alemã.
Palavras- chave: agricultura ecológica, Alemanha.

ABSTRACT

The environmental crisis in modern agriculture, consequence of the use of chemical inputs, has begun to create alternative models such as ecological agriculture which have been stimulated and supported by the policies of the German government. This paper looks at pioneering ecological agriculture in Germany, its evolution and the support it has received toward the building of a production model based on ecological principles. This model, currently under expansion, already holds a significant share of the market for food products existing in Germany today.
Key-words: ecological agriculture, Germany.

* Versão em português de capítulos do livro: SCHMIDT, G.; JASPER, U. *Agranvende oder die Zukunft unserer Ernährung München.* Beck. 2001. Tradução: Dirk Solter e Alfio Brandenburg

** Doutor em Filosofia Social, docente e pesquisador associado em políticas agrárias na Universidade de Kassel – Alemanha.

O agricultor ecológico

A agricultura ecológica é a prova viva de que é possível fazer diferente. Se os agricultores não a tivessem desenvolvido na prática, a procura por soluções para nossos problemas atuais seria muito mais difícil, e as tentativas de solução seriam muito menos convincentes. A agricultura ecológica merece muita atenção, mesmo que seja constituída por apenas 3 % de todas as fazendas agrícolas em cerca de 3,2 % das áreas úteis para a agricultura.[1] Ela se tornou modelo para a política agrária[2] e alcança assim o reconhecimento que lhe foi negado por tanto tempo.

Não é apenas uma outra técnica de produção

O terreno em que pisaram os pioneiros da agricultura ecológica lhes era desconhecido, por motivos diversos. Alguns foram motivados a refletir sobre a correlação entre saúde, alimentação e agricultura por causa de doenças na família. Outros procuraram uma saída para os problemas crescentes com doenças no curral que não eram mais controláveis com os métodos recomendados pela ciência e pela assistência, como por exemplo na fazenda de Rudolf Schilling, na Francônia: "O que decidiu a mudança foram problemas com a saúde na própria família, doenças úberes nas vacas cada vez mais complicadas e complicações com a fertilidade do gado, como também sérias dúvidas se ainda era justificável o que a química faz com a agricultura."[3]

Outros calcularam os resultados de seu empreendimento e ficaram perplexos, como por exemplo Siegfried Kuhlendaz

> Nós tínhamos duplicado a ração para as vacas, e, fazendo a correlação, não tínhamos alcançado o rendimento dobrado. O aumento da produtividade foi afetado pelo aumento nos custos com veterinário e medicamentos para a estabilização da saúde. (...) Também tínhamos duplicado os adubos químicos, tínhamos até triplicado o nitrogênio, sem ter o retorno equivalente e sustentável na produção, e podíamos prever que, para assegurar os rendimentos, os ditos defensivos agrícolas seriam cada vez mais necessários.[4]

Além disso também havia o esforço dos agricultores em se libertar da crescente dependência da indústria química e da indústria de ração animal:

> Os estabelecimentos agrícolas estão se tornando cada vez mais entrepostos de serviços das empresas. O crescente *output* tem um custo alto em adubos, tratamento das plantas, ração adicional, energia externa e capital externo. A participação nos lucros que permanecem no empreendimento diminui cada vez mais: aos poucos o estabelecimento agrícola está se tornando uma fábrica,

argumenta Hans Urbauer, da Baviera, explicando sua mudança.[5]

Independência da indústria agrícola

A autonomia da empresa, a independência da indústria química e de ração animal como também o esforço para construir uma perspectiva econômica longe das imposições da lógica comum de desenvolvimento na agricultura foram, e ainda são, motivos importantes para uma mudança administrativa. Uma agricultura em os auxílios químicos amplamente generalizados e, ao invés disso, confiar plenamente nas próprias capacidades e nos próprios conhecimentos – esta é a compreensão que os agricultores ecológicos têm de si mesmos. Também teve muita influência o seu convívio íntimo com o meio ambiente. Observar como plantas e animais extintos reaparecem em suas terras e que o solo fica mais vivo e mais estável é posteriormente uma confirmação para a sua atitude ecológica.

1 Números para final de 2000. BMVEL – Participações, 9 jul. 2001

2 Assim por exemplo a ministra Renate Künast: "Eu não escondo, que meu coração bate pela agricultura ecológica. O cultivo ecológico tem para mim função de modelo." Em: Künast (2001b, p. 11).

3 Ifoam 41 (1982, p. 12) (percursor da revista *Ecologia e Agricultura*).

4 Ifoam 59 (1986, p. 13).

5 Voz do agricultor independente 76 (2/1987), p. 14.

Mas, justamente porque os agricultores ecológicos rejeitavam o modelo de desenvolvimento comumente aceito, eles ficavam muitas vezes numa posição de exclusão do vilarejo, da vizinhança e, às vezes, também do parentesco. Aqui se confrontavam a instrumentalização utilizada, por um lado, associação dos fazendeiros e pela indústria agrária e, pelo outro, pelos ambientalistas; aqui aparecia o contraste entre a administração ecológica e a convencional. Aos olhos de uns, os agricultores ecológicos eram dissidentes ou desvairados, aos olhos dos outros, eles eram a solução para todos os problemas. O isolamento social que se observou no dia-a-dia foi para muitos o empecilho decisivo para uma mudança, mesmo que a agricultura ecológica fosse compatível com a sua estrutura administrativa.

A empresa como organismo

Agricultura ecológica é muito mais do que apenas a exclusão de "pesticidas" e "adubos químicos". A doutrina dos fundadores entende a fazenda agrícola como um *organismo* vivo no qual tudo está interligado: solo, plantas, animais, seres humanos. Especial atenção merece o *solo*, porque ele é a base da qual surgem todos os outras. Ele é muito mais do que apenas o substrato da hidrocultura, na qual as plantas se fixam com suas raízes somente para não tombarem, e à qual são acrescentados os nutrientes através da irrigação. Acima de tudo o objetivo é ativar o solo e/ou as múltiplas formas de vida de tal maneira que o próprio solo assegure a nutrição das plantas. As plantas não são adubadas com adubos de efeito rápido proveniente de distribuidores, mas através do acréscimo de composto orgânico (esterco curtido) ao solo. Assim os nutrientes atravessam um *ciclo* no empreendimento agrícola. O nitrogênio, que sai da fazenda quando os produtos são vendidos, é "trazido de volta" através do plantio de espécies de plantas específicas (*leguminosas* como lupínios, trevo, feijão-do-campo), pois essas plantas podem, com a ajuda de bactérias de solo especiais, reter o nitrogênio do ar. Para aproveitar bem esse acréscimo de nutrientes, plantam-se essas leguminosas em áreas diferentes ao longo dos anos, e garante-se assim a famosa seqüência de frutos diversos na agricultura ecológica. As misturas de plantas utilizadas não rendem frutos para a venda, mas podem ser utilizadas no ciclo das explorações agrícolas somente no preparo da alimentação dos animais. Por isso, e por causa do enorme significado do esterco para o saneamento do solo, discutiu-se por muito tempo sobre a viabilidade da agricultura ecológica sem a criação de animais. O gado, que é ruminante, está em condições, como nenhum outro animal, de transformar as gramíneas dos campos e as misturas de leguminosas em proteínas animais aproveitáveis para o homem. Assim, a vaca não é concorrente na alimentação para o homem – diferente do porco ou da galinha, que não ficam saciados sem cereais em sua alimentação. Isso também explica por que a produção de leite é tão importante e a criação de porcos (por enquanto) tão insignificante nos empreendimentos ecológicos.

Um solo saudável e a escolha das espécies adequadas são a base para *plantas saudáveis*. Ao invés de combater doenças e pragas depois que apareceram, a agricultura ecológica tenta controlá-las com medidas preventivas. O aparecimento de certas ervas é visto como indicador de falhas no tratamento do solo, às quais se reage de forma adequada. Além disso, as ervas não são combatidas quimicamente, mas reguladas mecanicamente.

Resumidamente, o organismo do empreendimento deve ser, na medida do possível, autônomo e independente de auxílios externos.

Resumidamente, o organismo do empreendimento deve ser, na medida do possível, autônomo e independente de auxílios externos.

Tanto mais importante foi, para os que ousaram o passo, a troca de experiências e muitas vezes também o trabalho em conjunto com outras fazendas ecológicas. Igualmente importante foi o contato com outros grupos sociais como o movimento contra a energia nuclear e o movimento ecológico. O respaldo e o reconhecimento que seu vilarejo lhes recusava veio agora da cidade. Isso abriu um relacionamento totalmente novo entre cidade e campo. Os agricultores ecológicos não se sentiam mais como renegados, mas como parte de uma renovação ecológica e social. Não mais ultrapassados, mas como uma parte do futuro.

Na prática, a agricultura ecológica foi desenvolvida pelos agricultores

Fazer justiça aos próprios objetivos da agricultura ecológica não é tão fácil na prática, pois se trata de um conceito diferente, que se baseia em princípios próprios (veja texto em destaque na página anterior). Problemas isolados não são tratados isoladamente – ao menos não na doutrina – para não recorrer a soluções isoladas. O estabelecimento é visto como um todo, como "organismo". Problemas num lugar são indicadores de falhas no sistema todo. A solução para doenças no curral pode perfeitamente ser encontrada nas ervas e na combinação das gramíneas do pasto. Ao invés de acrescentar vitaminas sintéticas à alimentação, tenta-se aumentar a variedade de plantas no pasto.

A estrutura teórica foi desenvolvida por filósofos e cientistas com princípios que, em parte, foram deduzidos filosoficamente. Mas o que isso significa concretamente, como se deve na seqüência se proceder mais tarde, isso os práticos tiveram que descobrir por conta própria em seus estabelecimentos: "Apesar de cientistas e filósofos como Rudolf Steiner, Hans Müller, Hanspeter Rusch, Lady Eve Balfour e Sir Albert Howard apresentarem os conceitos e as idéias básicas da produção biológica, foram, mais do que outros, os agricultores e horticultores experientes que desenvolveram e levaram adiante os métodos da agricultura biológica."[6]

Como nutrir os cereais satisfatoriamente sem adubos químicos ou sintéticos para que produzissem grãos de boa qualidade, como proteger as batatas de ervas daninhas, podridão e pragas sem apelar para a química e mantê-las saudáveis para que a colheita fosse rentável; quais as variedades de plantas adequadas para a agricultura ecológica e quais raças de galinha ainda não estavam alteradas demais para que pudessem permanecer saudáveis mesmo sem a aplicação preventiva de medicamentos? Tudo isso os próprios agricultores ecológicos tiveram que descobrir.

O que mais os ajudou foi a troca de experiências. Os agricultores ecológicos se uniram em grupos regionais, visitavam cada um dos empreendimentos para discutir os problemas da agricultura, do curral e de vendas. Mais tarde foram apoiados por consultores de suas associações. Por muito tempo não puderam contar com assessoria financiada pelo governo.

Outra dificuldade era que ninguém compartilhava com a tarefa de desenvolver uma técnica adequada para a agricultura ecológica. Broças para o plantio de cereais, flamejadores para o plantio de verduras ou colheitadeiras mecânicas para as brocas da batata, nada disso foi desenvolvido pelas indústrias de equipamentos agrícolas. Só agora a ciência sai do papel de simplesmente descrever a prática nos estabelecimentos e explicar economicamente os resultados.

Os agricultores ecológicos se propuseram algumas diretrizes para se proteger da concorrência de "produtos pseudo-ecológicos". A partir das diretrizes dessas associações foram formuladas diretrizes gerais que por sua vez são uma base essencial para as normas estatais aplicadas à agricultura ecológica.

Tudo isso mostra que a agricultura ecológica é um conceito amplo, desenvolvido a partir da prática, principalmente pelos agricultores e agricultoras. E isso também acontece na fase da venda de seus produtos.

A construção de um mercado autônomo

A renúncia do uso de materiais que aumentam a produtividade, como adubos químico-sintéticos e pesticidas, e a diminuição da compra de ração levam a uma produção de cereais por hectare menor do que no

6 Niggli (1999, p. 38).

plantio convencional e a vaca assim alimentada produz menos leite que no curral do vizinho. Ao mesmo tempo, o investimento em trabalho na regulação mecânica das plantas é maior do que na química, e maior no curral com palha (esterco) do que no curral com assoalho ripado (chorume). Acrescente-se a isso o plantio de leguminosas, que faz parte do ciclo que segue a rotação de culturas, mas não produz produtos comerciáveis. Tudo isso não é compensado pela eliminação dos custos dos insumos que são adquiridos, como adubos e rações. Portanto, os produtos têm que ser mais caros para tornar a agricultura ecológica economicamente rentável.

Mas o comércio agrícola tradicional não pagava esses preços mais elevados. Os agricultores tiveram que achar outros caminhos para poder vender seus produtos biológicos com preços mais elevados, à margem do mercado geral. Esses caminhos separados não existiam; os empreendimentos tiveram que criar seu próprio mercado. Esse desafio era no mínimo tão grande quanto o de mudar o estilo de produção.

Os agricultores abriram quitandas nos próprios estabelecimentos ou bancas nas feiras semanais. Outros fundaram junto com seus colegas lojas de produtos naturais nas cidades, para serem constantemente alcançáveis pelos seus clientes. A maioria dos vendedores diretos não se contentava em oferecer as matérias-primas, mas se expandiram, processando os produtos de forma artesanal. Assim surgiram os fabricantes de queijo, as padarias e os pequenos abatedouros nos estabelecimentos agrícolas.

Mais tarde surgiram as lojas de produtos naturais, muitas vezes dirigidas por pessoas engajadas com o movimento ecológico e que se tornaram empreendedores. Primeiro vendiam o que os estabelecimentos nas redondezas podiam oferecer. Com o aumento das exigências dos clientes ecológicos no plano de variedades, surgiram os primeiros grandes comerciantes de produtos naturais, em parte como empreendimentos de pessoas isoladas, em parte como associações dos agricultores e varejistas. A quitanda biológica com algumas caixas de verduras se transformou em varejista com sortimento completo.

Através dessas atividades, as vias comerciais foram se tornando cada vez mais diversificadas,[7] na maior parte utilizando estruturas totalmente novas, que nem existem (mais) na área convencional, como por exemplo, o comércio especializado de lojas de produtos naturais. As quitandas dos estabelecimentos e outras formas de vendas diretas serviram de exemplo para os colegas convencionais. É claro que tudo isso só foi possível porque havia pessoas dispostas a pagar preços mais altos pela qualidade especial.

Apesar de tudo isso a participação dos produtos biológicos na produção total dos alimentos na Alemanha é de apenas 2 %, incluindo os produtos da agricultura ecológica vendidos no comércio geral e/ou convencional. Antes do primeiro caso de BSE[8] na Alemanha em 24 de novembro de 2000, não havia nenhum sinal de que essa participação subisse rapidamente, que se duplicasse ou até mesmo se triplicasse. Aliás, dizia-se que a Alemanha estava ameaçada de perder a conexão com o desenvolvimento no restante da Europa.[9] Mas a crise da BSE ajudou à agricultura ecológica na Alemanha a dar um novo significado. As vendas fizeram saltos surpreendentes e a política favoreceu sua continuidade.

Fomento governamental para a agricultura ecológica – o objetivo dos "20 %"

A mudança na agricultura deve-se às crises na agricultura convencional. Isso pode levar à conclusão de que a solução está na agricultura ecológica. Em seu primeiro pronunciamento oficial, a nova ministra Renate Künast afirmou que queria elevar a participação da agricultura ecológica "em dez anos a 20 % do mercado".[10] Finalmente foi expressa uma posição clara diante dos êxitos da agricultura ecológica e garantida uma retaguarda política, pela qual a agricultura ecológica tinha espe-

7 Uma composição abrangente e esclarecedora oferece Kreuzer (1996).

8 Bovino espongiforme encefalite (doença da vaca louca) – nota do tradutor.

9 Somente o mercado atacadista de produtos naturais, que abastece as quitandas, vendeu nos primeiros três meses do ano 2001, com base em informações de sua associação, 60 milhões de marcos alemães, ou seja, 38% a mais que no mesmo período do ano anterior. Os 60 milhões correspondem a três quartos do adicional de vendas do ano 1999 para 2000, que alcançou 80 milhões de marcos alemães.Nos meses seguintes, caíram as vendas novamente, mas ficaram acima dos valores do ano anterior.

10 Künast (2001a, p. 4).

rado em vão por tantos anos. Se antes a agricultura ecológica tinha sido considerada como um nicho secundário, agora sua expansão evidente se tornou o cerne da mudança agrária.

No final dos anos 80 a política agrária via a agricultura ecológica como apenas mais um meio para reduzir os excedentes: aliviar a sobrecarga do mercado era o objetivo principal do primeiro programa de fomento. Por muito tempo, as vantagens da economia ecológica para o meio ambiente foram desacreditadas – grande demais era o medo de que assim fossem reconhecidos os problemas com o meio ambiente da agricultura em geral. Por isso foi lenta a mudança de significado, do desafogo do mercado para o ideal da agricultura. Isso só foi possível depois da crise de BSE.

Os agricultores ecológicos desenvolveram a agricultura ecológica ao longo de décadas, mesmo contra a resistência da política. Agora é a política que se torna o ator principal na expansão da agricultura ecológica. Os agricultores estão esperançosos, mas também temerosos.

Prêmios por área como estímulo para a mudança

Até agora, a política priorizava prêmios que motivassem os estabelecimentos à mudança para a agricultura ecológica.[11] O prêmio especial é pago às fazendas ecológicas por hectare e seu valor varia de estado para estado e de acordo com o tipo de utilização da área (pasto, agricultura, cultivos especiais como morangos ou aspargos).[12]

De acordo com as normas européias, o prêmio deve compensar perdas financeiras por causa da baixa produtividade na agricultura ecológica como também os outros custos mais elevados condicionados por fatores econômicos diferentes (por exemplo, preço da mão-de-obra) e por isso tempo ser estímulo para a mudança.[13]

Com isso, na verdade, a política assume uma parte da função do preço dos produtos ecológicos, que é cobrir os custos. O estímulo que o preço do produto mais elevado exerce sobre os empreendimentos para os quererem mudar é para a política muito pouco. Ela quer acelerar o processo da mudança por meio de prêmios para fortalecer os efeitos positivos da agricultura ecológica sobre a sociedade em geral. Dito de outra forma: se faltarem compradores para os produtos biológicos o Estado provoca via mercado um estímulo para os empreendedores, o Estado entra em seu lugar.

E mesmo na agricultura ecológica, a introdução desses prêmios nos anos 1988/89 e 1992/93 foi muito discutida. Os agricultores ecológicos temiam perder uma parte de sua independência. "Agora dependemos da boa vontade dos políticos da agricultura e da situação financeira do Estado", avisou o presidente da associação ecológica em 1993.[14] Essa discussão já acabou. Os prêmios são parte integrante da agricultura ecológica.

Sim, a estratégia de ampliar as áreas de agricultura com o auxílio dos prêmios continua, sem problema. Porque um fomento maior para a mudança eleva o número de estabelecimentos ecológicos e das áreas, e com isso a oferta. Se o mercado comprador não crescer de forma paralela, a superoferta baixa os preços.

O problema dos prêmios na Áustria, por exemplo

A Áustria é o país europeu que hoje apresenta a mais alta participação de estabelecimentos ecológicos tanto em número como em área. Nesse país a introdução dos prêmios biológicos em geral desencadeou, no início dos anos 90, uma mudança que mais tarde foi reforçada por outros fatores[15]. Mesmo assim, em algumas áreas de produtos, principalmente do leite biológico, apenas uma parte pôde ser colocada à venda como biológicos e com

11 Na União Européia, a mudança e a manutenção para agricultura ecológica e sua manutenção foi fomentada financeiramente de 1989/90 até 92/93 no contexto dos programas de expansão da Comunidade Européia (VO (EG) 4115/88) e a partir de 92/93 no contexto das normativas da União Européia (VO (EG) 2078/92).

12 A magnitude dos montantes de fomento fica evidente, por exemplo, numa retrospectiva de Willer (1999, p. 236). Uma composição mais recente encontra-se em bioland 3/2001, Mainz (p. 42-43).

13 Compare VO (EG) 1257/1999, artigo 24. Para tanto, os países, os quais fixam por final a montante do prêmio, devem apresentar à Comissão da União Européia um detalhado cálculo dos prejuízos de ganhos, dos maiores custos e dos incentivos. Os cálculos dos países da EU, e também de cada Estado da Federação, chegam porém a resultados tão diferentes, que os montantes dos prêmios variam fortemente.Compare Willer (1999) assim como: bioland 3/2001

14 Bioland 2/93, p. 37, entrevista com Heinz-Josef Thuneke, gerente da Federação "Bioland" da Westfália – Norte do Reno: subvenções – novo conceito de sobrevivência para agricultores ecológicos

15 Compare Groier (1998).

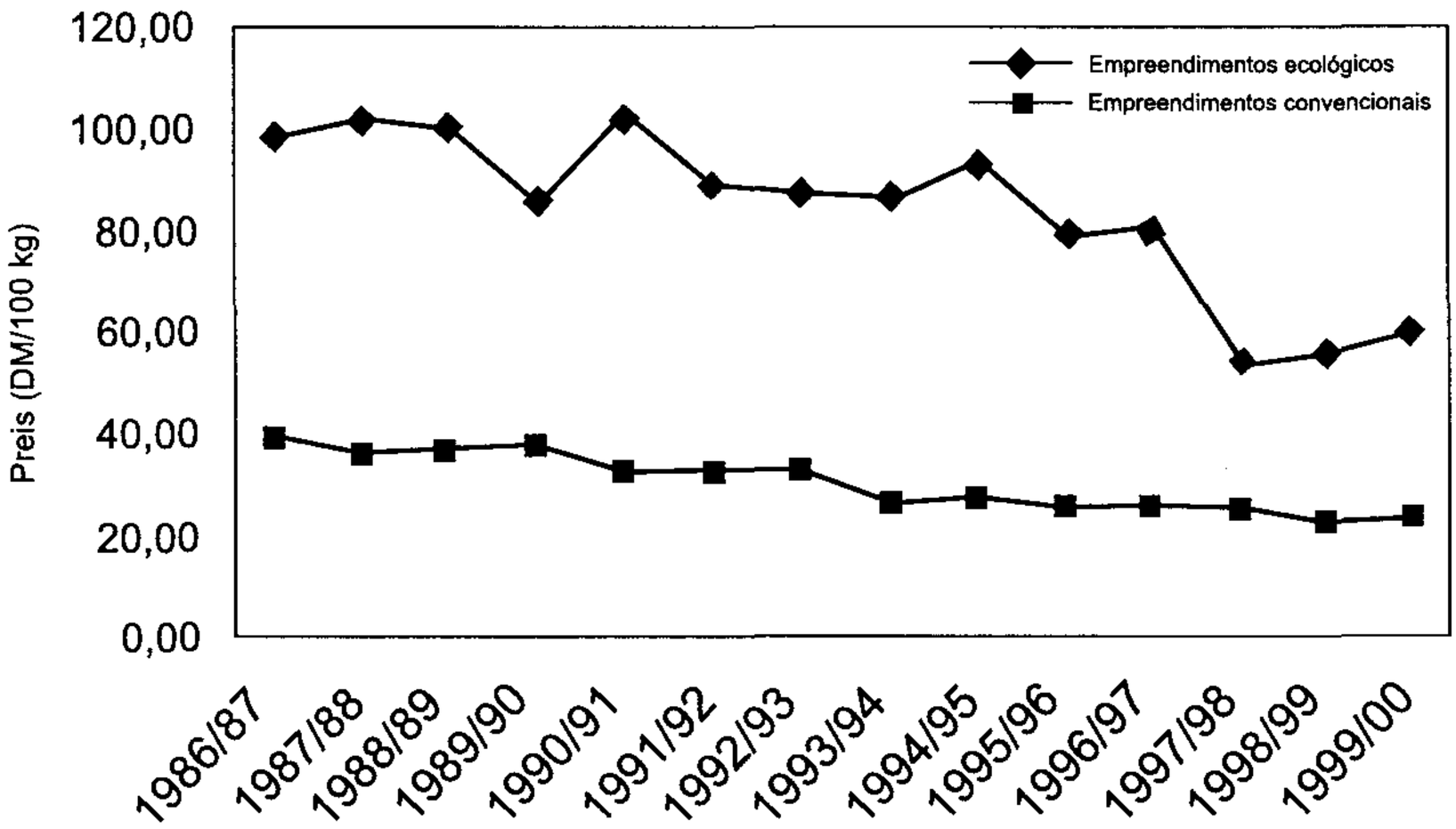
subvenção ecológica. No caso do leite, que na Áustria tem um papel significativo por causa das condições naturais (áreas montanhosas, regiões de pastos), metade do leite biológico acaba sendo jogado nos tanques de leite produzido de forma convencional e é vendido também pelos preços convencionais. No caso do gado, apenas uma quarta parte foi vendida em 1998 como gado biológico. Principalmente nas áreas montanhosas, os preços e os prêmios em sua soma não prometem mais às fazendas biológicas do que às outras maneiras de produção. Os preços e os prêmios perderam, assim, sua atratividade para que os empreendimentos possam continuar ecológicos ou mudar para este modelo. Como conseqüência, 8% dos estabelecimentos biológicos abandonaram a agricultura ecológica de 1999 para 2000. São 1000 fazendas biológicas a menos.[16]

O exemplo mostra que as possibilidades da política para estabilizar permanentemente a agricultura ecológica por meio de prêmios por área são limitadas, e que os prêmios só podem ser uma complementação para o preço ou a receita vindo da demanda dos produtos. Continua decisivo organizar a venda dos produtos biológicos como produtos biológicos.

Quando as vendas caem, caem também os preços na agricultura ecológica

Se a demanda de produtos biológicos fica constantemente abaixo da oferta, então os preços caem. Isso se observou na Alemanha de meados até final dos anos 90 no mercado de cereais biológicos. Os preços que os produtores biológicos conseguiam em média caíram 40 % em uma década (veja quadro a seguir).[17]

FIGURA 1 - EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PARA PRODUTOS ECOLÓGICOS NA ALEMANHA (1986-2000)



FONTE: Relatório Agrícola do Governo Federal. Período 1988-2001.

16 Kirner (2001). Compare também Kirner/Schneeberger (2000).

17 Como base são considerados valores médios, nos quais também os cereais estão incluídos, que por deficiência de possibilidades de vendas são colocados no mercado convencional. Por trás dos valores médios, se oculta um grande intervalo de preços praticados nos diversos caminhos de comercialização (moinhos, padarias, cervejaria, comércio varejista, associações de fabricantes, comercialização direta, cereais para ração para outros empreendimentos) e de acordo com as diferente qualidades. Mas no total, a tendência é evidente.

As mudanças nos estabelecimentos, principalmente nos grandes, dos estados novos, levaram à ampliação das áreas de cultivo e da colheita de cereais, sem que a venda aumentasse. Além disso, circulavam notícias sobre a importação mais barata de cereais biológicos vindos do Leste europeu (principalmente da Hungria) que provocaram, psicologicamente ou baseados em ofertas reais, pressão sobre os preços.[18] Se comparado o preço do trigo biológico na safra de 1999/2000 com o da safra de 1992/93, quando foram introduzidos na União Européia, os prêmios por área de cereais e prêmios adicionais para áreas ecológicas, observa-se uma diferença, em torno de DM 26,00 por kg de trigo. Em relação a um hectare de área cultivada, chega-se à diferença de DM 950,00.[19] Este cálculo torna-se especialmente interessante quando a essa diferença é contraposto o prêmio pago por um hectare de área cultivada ecologicamente. Num prêmio geral por área, pago em toda a União Européia para a baixa de preços dos cereais determinada pela UE, de DM 640,00 em média por hectare, e um prêmio ecológico de DM 250,00 em média,[20] chega-se ao total de prêmios no valor de DM 890,00 por hectare. Isto é, esse prêmio está completamente absorvido na queda dos preços.[21]

Isto pode levar à conclusão de que os prêmios, a longo prazo, não estão em condições de ser atrativos eficientes contra o mercado. Quem quer ampliar a agricultura ecológica não escapa da necessidade de ampliar a venda.

O supermercado deve aumentar a demanda

Uma das primeiras medidas que a ministra Künast adotou foi a introdução de um símbolo de qualidade estatal uniformizado para os produtos da agricultura ecológica, que pudesse fortalecer a confiança do consumidor na veracidade e legitimidade dos nomes "ecológico" e "biológico". Pois a desconfiança em relação a eles leva, segundo afirmações dos cientistas, à desconfiança de muitos clientes em potencial de que nem sempre os produtos são verdadeiros. Para não serem enganados, os clientes preferem comprar os produtos mais baratos. O selo de qualidade, concedido pelo governo, deve resolver este problema.

Percebe-se no selo de qualidade que a disponibilidade dos produtos biológicos é um ponto de partida essencial para aumentar a demanda. Se as pessoas a quem se quer vender os produtos biológicos não vão até onde eles são oferecidos até agora, então os produtos é que vão ter que ir até elas. "Os produtos ecológicos vão ter que sair de seu nicho",[22] disse Künast em seu discurso. E, no congresso anual de uma grande cadeia de comércio, ela explicou: "É importante que os produtos biológicos encontrem mais aceitação no comércio. Eles precisam estar lá onde a massa de nossos consumidores faz suas compras: nas prateleiras dos supermercados".[23]

18 Compare Schievelbein (1999) assim como Schievelbein (1998) e também Lindloff, V: Cereal ecológico – No nicho de mercado caem os preços. Top-agrar 4/98

19 Como base são os dados dos relatórios da agricultura do governo federal para produção por hectare e rendimento por um décimo de tonelada.

20 O montante dos prêmios gerais por área (EU-Pagamento compensatório para redução de preços) varia em regiões delimitadas de acordo com a capacidade de ganhos. Os prêmios para agricultura ecológica variam de estado para estado, fortemente. Compare Willer (1999) assim como bioland 3/2001.

21 É de se objetar que o preço do cereal teve que bancar por longo tempo outros ramos de empreendimentos de estabelecimentos ecológicos, uma vez que não existia, em amplas regiões da Alemanha, uma comercialização própria para, por exemplo o leite e a carne ecológicos, com os respectivos adicionais de preços. Através do mercado de grãos ecológico, as perdas de ganho nestes setores eram compensados juntos. Todavia o prêmio por área assume uma função semelhante, uma vez que não existem prêmios para vacas de leite e por existir apenas uma pequena área de pastagem. Neste aspecto, a comparação de prêmio por área e redução de preço tem seguramente expressão.

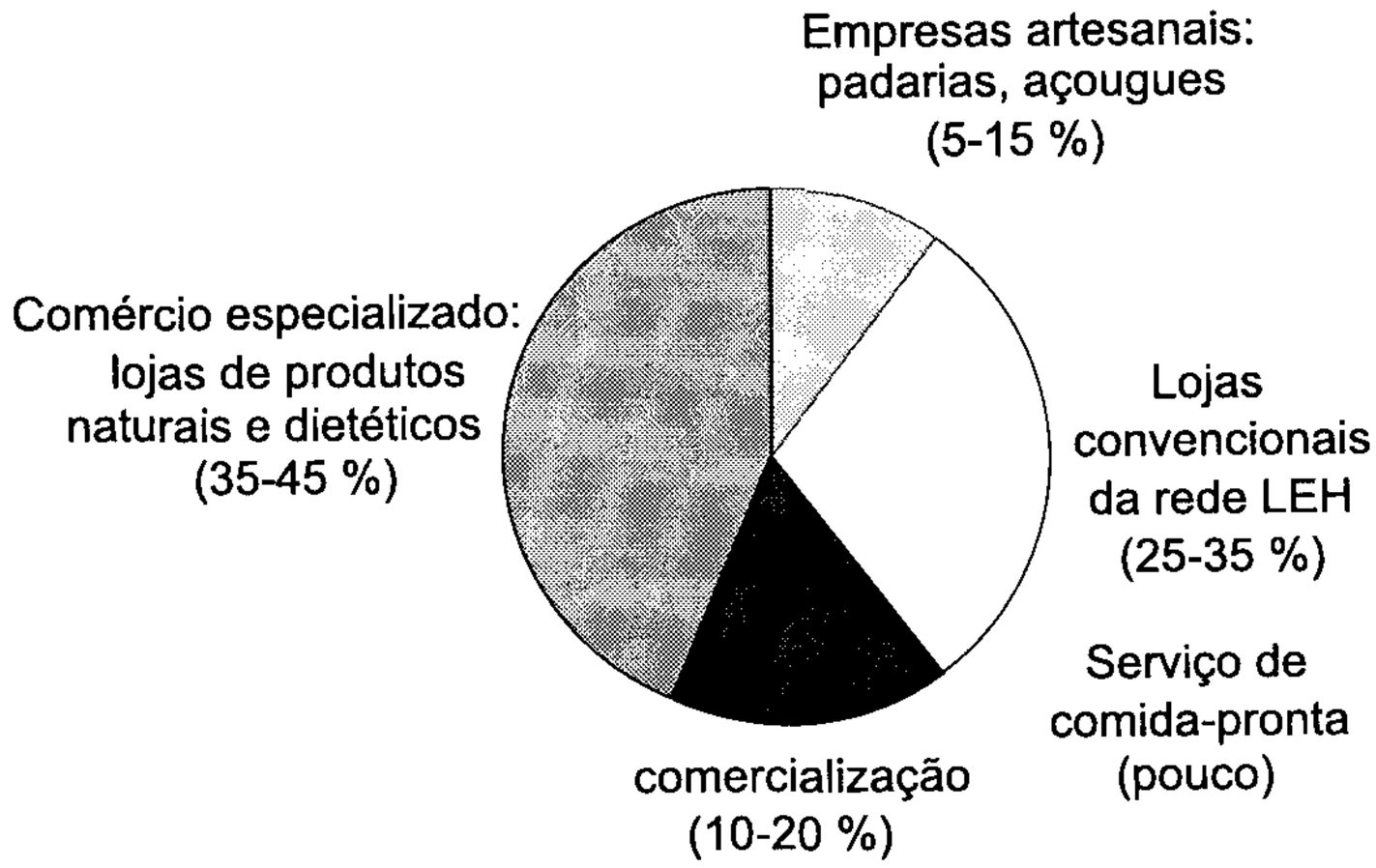
22 Künast (2001a, p. 4).

23 Künast (2001b, p. 18).

O exemplo é novamente a Áustria. Ali os primeiros caminhos de venda direta para os produtos ecológicos também foram as vendas diretas e algumas poucas quitandas esparsas de produtos naturais. Até que, no outono de 1994, primeiro a rede de supermercados Billa-Merkur (atualmente associada ao grupo Rewe de Colônia) e pouco mais tarde a grande rede Spar entraram ofensivamente no mercado biológico.[24] Depois da introdução nacional dos prêmios estatais para as empresas biológicas na safra de 1991/92, a entrada dessas redes de comércio no mercado biológico deu mais um impulso à onda de mudança.

Um engajamento desse tipo por parte de grandes redes de comércio ainda falta na Alemanha. É verdade que no início de 2001 quase todas as grandes redes de comércio ofereciam produtos biológicos. Até mesmo a rede de descontos Aldi anunciou que entraria no comércio biológico.[25] Então, até agora não aconteceu o grande *boom*. Observando a precária apresentação na maioria dos supermercados, isso nem surpreende: quem quer encontrar os produtos tem que saber exatamente como eles aparentam e em qual lugar da prateleira eles são colocados costumeiramente, pois faltam indicações específicas. Normalmente nada chama a atenção sobre eles. Mas poderia ser diferente, isso mostram sobretudo os comércios de menor porte e as redes nos países vizinhos, Áustria e Suíça. Eles reconhecem o mercado biológico como um mercado em crescimento e investem na construção desse mercado, desde conseguir os produtos, a logística, a apresentação, a propaganda, até o treinamento do pessoal de vendas. Desse modo, também age o empreendimento regional *tegut* com sede em Fulda/Hessen, que alcançou um movimento de 7,7 % do total de alimentos com produtos biológicos e está assim em primeiro lugar na Europa.[26]

FIGURA 2 - VIAS DE VENDAS DE MERCADORIAS PRODUZIDAS ECOLOGICAMENTE NA ALEMANHA (2000)



FONTE: Federação Nacional Produtos alimentares naturais; BNN-Notícias Junho

24 Ao mesmo tempo, também estabelecimentos menores de comércio de produtos alimentares receberam mercadorias ecológicas em seu sortimento. Compare Hess/Vogl (1977).

25 Aldi Nord acatou, em junho de 2001, junto a diversas processadoras de leite, ofertas sobre fornecimento a empresas filiadas com produtos lácteos ecológicos. Compare Murmann/Queck (2001).

26 Richter (2001, p. 39).

Sem levar em consideração estas estratégias de sucesso de empreendimentos, muitos citam o preço como o mais importante impulso para elevar a demanda dos produtos biológicos via comércio de alimentos. Os cientistas se apóiam em pesquisas de opinião feitas entre os consumidores, que revelam que a maior parte dos clientes em potencial nos supermercados para produtos biológicos não está disposta a pagar mais do que 30% a mais. Disso deduz-se a necessidade de baixar os preços de venda.

A questão do preço na agricultura ecológica

Mas como os produtos podem ficar mais baratos? As possibilidades para economizar custos estão principalmente no recolhimento dos produtos biológicos. Enquanto houver poucos empreendimentos biológicos, e que ainda se situarem dispersos uns do outros, o recolhimento, por exemplo, do leite biológico custa 10 centavos a mais por litro do que o leite convencional. Se o número e a "densidade" das fazendas aumenta, os preços do recolhimento podem ser reduzidos. Uma situação extrema é o recolhimento do leite da usina de leite biológico "Rhöngold", na Turíngia. Em frente à usina, do outro lado da rua, fica uma cooperativa de agricultores ecológicos, os "Agrarhöfe Kaltensundheim". Ali, cerca de 1000 vacas ecológicas são ordenhadas num único local. O leite flui através de uma canalização diretamente para a usina, sem carros-tanque. A usina recebe metade de seu leite dessa empresa.[27] Nenhuma outra usina consegue concorrer com um preço de recolhimento desses.

Diferenças desse tipo nos custos de produção das empresas agrícolas e no processamento têm significado tanto maiores quanto mais o comércio de produtos biológicos ultrapassar as fronteiras regionais, nacionais ou até continentais. Laticínios já são comercializados internacionalmente. Manteiga biológica da Áustria é vendida pela rede Rewe sob sua marca biológica "Füllhorn"; o queijo da Dinamarca, dos Países Baixos ou da Áustria é parte definitiva nos balcões de frios dos comércios e alimentos naturais da Alemanha. Quando se trata não de especialidades, mas de produtos intercambiáveis, os agricultores biológicos ficam expostos a uma concorrência geograficamente ampla pelos preços de produção mais baixos – apesar de estarem operando sob condições de produção diferentes nas diferentes regiões européias.

O retorno da vaca campeã

Na perspectiva dos economistas, esse desenvolvimento é bem-vindo. O professor Stephan Dabbert, do Instituto para Administração Agrícola da Universidade Hohenheim, posicionou-se favoravelmente diante da internacionalização dos mercados para produtos biológicos num congresso no início de 2000. Com a liberalização também vem a pressão sobre os custos, disse ele, "naturalmente também na agricultura biológica", o que faz a produção se tornar mais eficiente. Como exemplo, o pesquisador citou a comparação entre o desempenho de vacas leiteiras dinamarquesas e as de Baden-Württemberg: uma vaca biológica dinamarquesa dá em média 7000 litros de leite por ano, uma de Baden-Württemberg apenas 5000. Se os mercados leiteiros de ambas as regiões crescerem juntos, "a produção biológica tem que se tornar mais racionalizada", diz o cientista.

"Racionalizada" significa, em termos de granjas leiteiras, que as vacas precisam ser levadas ao desempenho máximo não com ração convencional, mas com alimento ecológico que foram cultivados. Tirar 7000 litros (ou mais) de leite de uma vaca que se alimenta biologicamente não é nenhum problema no plano de técnica de produção. Consegue-se isso com o fornecimento crescente da quantidade de ração biológica e energética (cereais). Mas com o objetivo de desempenho máximo e a alimentação dos ruminantes com cereais, abandonam-se alguns dos princípios básicos do início da agricultura ecológica. A vaca como processadora de gramíneas e leguminosas, que de outra forma são inaproveitáveis, agora se torna consumidora de cereais, e assim concorrente do ser humano em alimentação.

27 Oppermann (2001, p. 80)

Ofertas especiais, semanas de atividades, preços baixos constantes

A agricultura ecológica não é nenhuma ilha. Ela não pode se abstrair das condições econômicas gerais. Quanto mais estabilizado e amplo fica o mercado, tanto mais os seus desenvolvimentos se assemelham ao do mercado convencional. A comercialização dos produtos através de redes nacionais, que fazem compras centralizadas, exige determinadas estruturas. As quantidades exigidas condicionam os produtos a uma padronização para que possam ser intercambiáveis. Não importa quem produz a manteiga, o que importa é que ela seja feita a partir de leite biológico. Quanto mais intercambiáveis forem os produtos biológicos, mais significativo se torna o preço como critério de comparação.

Essa tendência não acontece só na comercialização dos alimentos convencionais, mas também nos produtos naturais. Aqui são os grandes comerciantes que estabilizam marcas no plano inter-regional e nacional e, para isso, compram os produtos onde eles estiverem mais baratos. Pioneiro foi o maior empreendimento entre os grandes comerciantes de lojas de alimentos naturais, a empresa *Ennree*, mas outros já seguem o caminho, como por exemplo os grandes comerciantes regionais Elkershausen e Naturkost West, que, em maio de 2001, apresentam uma marca comercial comun. Os preços dos produtos dessa marcas estão nas faixas inferiores, devendo ser 20 % mais baixos. A tendência das ofertas baratas e dos preços constantemente baixos também aparece na área dos alimentos naturais:

> No comércio de alimentos naturais encontramos vários exemplos de que a briga de preços entrou na comercialização dos produtos ecológicos. Isso acontece especialmente no aumento visível de ofertas especiais, semanas de promoção, promessas de preços mais baratos sempre etc., que podemos observar já há um bom tempo nas lojas especia-lizadas em alimentos naturais.[28]

A concentração no objetivo "20 %" é muito pouco

Quando o preço se torna o padrão mais importante, faz pressão sobre o produtor para que explore ao máximo as suas diretrizes. Um dos objetivos dos fazendeiros biológicos na fase pioneira foi o de se tornarem independentes da compra de insumos que elvevassem a produção. Essa independência ainda caracteriza a agricultura ecológica. Nem os esforços redobrados dos vendedores de suplementos em conquistar os agricultores ecológicos conseguem disfarçar a realidade. Aparecem propagandas para adubos orgânicos completos em revistas especializadas como se fossem "otimizadores do solo com efeito prolongado", e até velhos conhecidos, dos quais os agricultores pensavam já ter se despedido definitivamente, oferecem "FZB 24 (Bacillus subtilis), o fortificante biológico. Naturalmente da Bayer" para a maceração das batatas de plantio.[29]

Todos esses produtos foram feitos organicamente e foram permitidos expressamente pelos regulamentos da EU para a agricultura ecológica. Eles só merecem atenção porque o seu emprego questionaria o princípio dos ciclos nas empresas. A partir da situação de alguns empreendimentos, por exemplo, dos plantios de verduras sem participação do gado, o acréscimo dos suplementos é plenamente explicável. Na análise econômica extra-empresa, o uso de produtos estimuladores da agricultura ecológica tem um efeito igual à agricultura convencional, isto é, de reduzir os custos. Quem explora as possibilidades permitidas pode oferecer os seus produtos a preços mais baixos que os seus colegas que renunciam dessas opções, seja qual for a sua razão.[30] Da perspectiva do consumidor, não há muito que dizer em tudo isso. Cobrar dos empreendimentos agrícolas a exclusividade e exigir deles uma fidelidade obrigatória aos princípios nos parece inadequado diante da realidade de que ninguém tem coragem de exigir o mesmo dos consumidores ou de outros setores comerciais. Longe de nós, diminuir-se a

28 Oppermann (2001, p. 50).
29 Bioland 1/2000, s. 24 f., p. 34-37.
30 Id.

importância do desempenho da agricultura ecológica ao mencionar alguns elementos críticos. Não estamos avaliando o desenvolvimento do ponto de vista moral, mas queremos apenas chamar a atenção para as conseqüências econômicas.

Quando uma nova política agrária tem por objetivo a ampliação da agricultura ecológica, as contradições mencionadas não podem ser omitidas. Se não, há o risco da repetição dos velhos problemas da agricultura também na agricultura ecológica